

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

**Entrevistadora:** Lia Morena

**Entrevistada:** Miriam Leiras

São Paulo, 11 e 12 de junho de 2021

Realizada presencialmente

---

### História de raízes, histórias de si<sup>1</sup>

#### PARTE 1: Pequenos recortes da linha do tempo de vida

##### Um pouquinho de infância

Eu sou a terceira, o terceiro filho, de meu pai e minha mãe. E eram tudo menino, todos antes de mim eram meninos, e depois de mim eram meninos [e uma menina, a mais nova]. Então eu conhecia bem o mundo masculino e alguns eu também queria fazer parte. Pelo menos as brincadeiras... Eu adorava as brincadeiras.

É... de rolimã, construir carrinho de rolimã eu achava legal, andar, perambular, ir na linha do trem, ficar andando na linha do trem, balanços altos, subir mangueira, tirar manga... [Miriam subindo mangueira do quintal]

A mangueira me reporta tudo, é, generosidade, abundância, alegria... Os lugares mais bonitos que tive, tinha uma mangueira. [em cima da mangueira]

Minha mangueira (risos).

Todas são pequenas histórias sobre a mangueira. A mangueira da minha infância, de Ceará-Mirim, que era muito abundante... era uma alegria eu poder brincar debaixo da mangueira com as minhas bonecas, né. Com uma casinha que eu construí de baixo, assim, ao pé da mangueira. subir na mangueira, tudo isso são histórias, né. E eu ter é... tido realizar um sonho de ter na minha casa uma mangueira em São Paulo. E assim, no lugar de jardim, eu tenho uma mangueira. Aliás, tenho mangueira, tenho bananeira, também plantada por mim. Que também é outra planta que eu acho muito generosa, e ao mesmo tempo lembra um pouco de sacanagem, as bananeiras né. Sempre na minha infância tinha umas histórias, desde era fantástica assim, as pessoas viam coisas, viam alma, entre as bananeiras, e também as pessoas iam namorar, iam transar atrás das bananeiras. Também é uma planta muito generosa, um cacho dela alimenta quantas pessoas? Então eu me rodiei de coisas que eu desejei ter, que eu desejei ter próximo de mim e das pessoas que eu gosto, né. Árvore da mangueira, da bananeira, aí tem um jasmim também, tudo convivendo aqui. Então, é isso. [de frente ao vaso de Cajamanga, no mesmo quintal]

---

<sup>1</sup> Todas as falas aqui contidas são da entrevistada Miriam Leiras (exceto aquelas marcadas com o nome da entrevistadora). Foram ocultadas a maioria das perguntas da entrevistadora e recortadas algumas palavras repetitivas, de forma que não se alterasse o sentido e conteúdo

Noutra casa que a gente morou, todas as outras casas eram alugadas. Nessa mamãe comprou essa casa, conseguiu comprar. E acho que foi meu irmão Valério que pegou e plantou o caroço de cajamanga e deu um pé enorme, que é uma fruteira muito grande. E eu quando chegava a época de cajamanga, meu irmão pegava, a gente fazia comer a fruta diretamente ou faz suco, que é um suco delicioso. Ou faz doce... E aí eu era interna no colégio e levava, levava uma cesta de cajamanga.

O meu parto foi um partozinho demorado, eu demorei a nascer. Eu tava já em sofrimento, eu tava com anorexia de tanto que tava demorando. Eu até já escrevi uma brincadeira, dizendo que eu não queria nascer. Chegou um momento que “ou esse mundo melhora ou eu não nasço, eu não vou nascer”. E aí não sei que acordos foram feitos entre minha mãe, a nossa senhora do bom parto, a parteira e eu que aí eu nasci.

### **na vinda pra São Paulo - aspirações**

Eu queria um mundo melhor, não só pra minha família. E aquela coisa, queria um trabalho, ser independente, queria ter liberdade, né, sexual, queria... isso, emprego, trabalhar, fazer algo que tivesse uma repercussão social. Então, educação, por isso escolhi educação. Eu posso fazer algo com o que eu tenho, pra sociedade. Então tinha um pouco disso, e pra minha família, eu me sentia na obrigação de dar uma vida um pouco melhor pra minha mãe. Foi uma vida difícil, principalmente depois que meu pai morreu, que ela, sustentar todos aqueles filhos, né, e também segurar as minhas inquietações. Que todos os filhos tinham suas inquietações, suas necessidades, mas parece que as minhas, eu punha pra fora com mais ímpeto.

### **Natal - RN, pré golpe de 1964**

Teve uma administração em Natal, que a gente acompanhava com muita alegria, de Djalma Maranhão, que era o prefeito. E assim, a cidade fluiu, a cidade era alegre, era muita festa, muito fogueto, era cantoria, onde tivesse, em todos os bairros, todas as comunidades, tinha essa cultura, e ele dava vazão. E nessa época, no Nordeste, quase 80% eram analfabetos. E ele viu a urgência, a equipe dele viu a urgência de fazer uma campanha de alfabetização. E os políticos que eram contra ele, dizia que “não, não podia fazer essa campanha porque não tinha sapato pra ir, não tinha lugar pra fazer escola” e ele dizia “não, de pé no chão também se aprende a ler”.

Aí estávamos muito felizes com tudo isso, mas a oposição em cima, foi quando veio o golpe, de 64.

O luto lá com a ditadura, foi também, eu ia trabalhar com a alfabetização de adultos, aí já foi outra campanha, de Paulo Freire. Aí veio a ditadura, aí acabou tudo. Paulo Freire foi preso, a equipe também...

### **Universidade**

[lendo a grande linha do tempo que fez no papel, com marcos de 5 em 5 anos de sua vida] colégio Santa Águeda... maranhão... teve a questão do namoro... faculdade de pedagogia. é 1964, por aí.

Lá em Natal, quando eu passei no vestibular, foi assim, um encantamento na minha família, e na minha vida assim, nossa! Eu fui a primeira mulher a entrar na faculdade. Da família, a primeira mulher da família a ir pra universidade. que eu saiba (risos)

Acho que entrar na faculdade, foi um marco na minha vida de muita importância. Era uma forma de me capacitar a fazer alguma coisa. Porque eu queria fazer dentro do bem comum mesmo. Isso pautou minha vida, o bem comum

### **nome Miriam**

Aí, mamãe, acho que pela primeira vez, ela diz “não, o nome dela quem vai dar sou eu. É Miriam”. São pequenas coisas, que vai formando quem eu sou. Foi um ato de... de fazer valer a palavra dela.

E o meu nome, depois eu já adulta fui procurar saber o significado, do nome Miriam, Maria, Mara... E, tem uma personagem bíblica chamada Miriam, que ela, é uma das personagens muito instigante. Pelo menos pra mim, porquê ela enfrenta deus. Ela é filha de Araão, não, ela é irmã de Arão e de Moisés. E, na bíblia diz que, deus se apresentava pra Moisés, pra orientar Moisés, tal, e era através de sonho. E ela chega, e diz pra deus: eu também sonho. Essa ousadia custou a vida dela, quase que ela morre. Porque deus ordenou então, por se dirigir a deus que ela também sonhava, que do mesmo jeito que ele se apresentava pra Moisés, se apresentasse pra ela “eu também sonho”.

Então, eu acho interessante, quando eu vendo minha rebeldia em algumas coisas, na minha família, muitas vezes não sendo entendida... eu digo pois é! Se Miriam enfrentou deus, que que então... isso aí é uma leitura minha, não to dizendo que a bíblia é exatamente isso.

## **PARTE 2**

### **pesquisas**

#### **histórias das raízes e histórias de si**

Olha, eu acho que de certa forma eu já fui falando, é... As histórias pedem pra ser contadas. É quase um processo até inconsciente, de busca. É como que fizesse sentido, né, algumas coisas, que não faziam sentido, acho que agora fazem sentido, pelo menos em parte.

**Lia:** tipo o que?

Eu entendo a mudez do meu pai.

Era pequenas perguntas, quer dizer essa coisa assim, se o nome da minha vó era Brasilisia, né, ou que foi homenagem do meu pai, ele deu nome de Brasilisia a minha irmã mais nova,

ao mesmo tempo, quando eu vejo no documento, o nome de Adelaide como sendo a mãe dele. Então assim, vinha, de repente dá um estalo. Então ele tinha duas mães? Ou não tinha nenhuma? Né, quem é a verdadeira?

Eu encontrei o sobrenome Leiria, que tem a ver, eu vi num livro, lá em São Félix, que é um livro de pesquisa de mais de trinta anos sobre os ancestrais do Castro Alves, né. E, tem um cruzamento com a família Castro Alves, com a família Leriais. Castro Alves, que foi um cara que lutou contra a escravidão e ele próprio alforriou, comprou a liberdade, de uma menina chamada Adelaide, então, sabe, esses nomes ficam circulando. E foi a primeira informação que eu tive pela primeira vez lá em São Félix. E eu deixei de lado porque achei que era sabe... Uma menina de 12 anos não podia ser a mãe do meu pai. Não sei.. Tudo sabe, são hipótese, hipótese, hipótese.

Eram pequenas coisas, que rolavam no nível acho que até inconsciente. Esse comportamento do meu pai, que aparentemente era um comportamento é... Autoritário, mas tinha coisas ali que não batiam só com autoritarismo. O silêncio dele, ele não conversava sobre a vida dele que foi uma vida com muitas experiências, ele foi faroleiro ele não falava sobre farol ele não falava como a vida dele na marinha, ele não falava que tocava instrumento, que ele era músico, ele não falava pra gente essas coisas. E ao mesmo tempo eu fui descobrindo que sim, ele era isso e muito mais. Como falei em outros momentos, ele aprendeu a ser vegetariano com um andarilho. Uma pessoa que tem abertura, pra aprender isso, né, não bate com aquela figura tão seca e às vezes autoritária. E ao mesmo tempo tão generosa e tão livre em alguns momentos.

É como aquela... Pequenas pegadas, que me confundiam e me instigavam também, a perceber que tinha um segredo, e eu quis descobrir que segredo era esse, que era isso. [folheando o caderno antigo do pai]

Ele anotava, só que essa carteira [o caderno] era maior, foram tiradas folhas, então outro indícios de segredo, porque ela tá toda tirada folhas. E aqui tem os nomes dos nascimentos dos filhos. E do meu inclusive. E tem assim “Miriam Pereira Leirias”, ele queria por Pereira não sei porque ele tirou não deixou Pereira. E, tem registros de cada filhos, cada filho que nascia ele escrevia. Na folha, o número da folha do registro, os lugares de alguns dos trabalhos, dos faróis... É lapsos e mais lapsos de vida, de história.

Então, acho que foi com meu envelhecer, que eu fui percebendo que havia coisas que eu queria entender melhor.

## **Bazu**

A Bazu não aparecia em documento nenhum, nenhum, em anos e anos que eu to procurando.

**Lia:** quem é Bazu?

Bazu é Brasília, mãe de meu pai, né. Que ele deu nome à Menininha de Brasília para homenageá-la. Mas nada comprovava a existência dela, nada. A não ser uma conversa que tive com uma irmã por parte de pai, que eu falei ‘Brasília a nossa avó foi escrava?’, ela falou ‘não, ela não era, não era mais e eu não quero conversar sobre isso’. Pronto. Aí eu perguntei: ‘mas como ela era?’ ‘ela era muito calada’. Então eu fui ligando que tinha segredos, e eu feminista, ‘eu vou dar voz pra essa mulher.’

Ao mesmo tempo, pra dar voz a essa mulher, eu tinha que escrever. E como que eu vou escrever com a linguagem que eu tenho, com a escrita que eu tenho? Pra contar essa história tem que ser com respeito, com uma narrativa “bonita”. Aí fui fazer cursos e mais cursos, gastei dinheiro também, com Marcelino Freire, com Welinton, né, com uns bambambam, mas eu titubeava entre fazer ficção e biografia, porque eu queria fazer biografia dela, mas e se eu não encontrei ela? Se eu não encontrar a história dela como vou fazer a biografia? Aí eu desencantei parei, aí escrevi um conto Se Eu Fosse Personagem, onde a personagem diz, ‘perdoe-me mas eu não consegui te encontrar’ mais ou menos isso. ‘procurei, mas ao te procurar encontrei outras coisas, encontrei a dança, comidas gostosas, lugares maravilhosas. Tantas coisas que encontrei, mas não a encontrei, ou a encontrei através disso. E eu faço um paralelo com bumba meu boi do Maranhão, que o Bumba Meu Boi do Maranhão, o bumba meu boi tem uma história, que tem o início, aqui em São Paulo, o início, o nascimento do boi, o batismo do boi e a morte do boi. Pra no próximo ano renascer, é cíclico. E aí a personagem desse pequeno conto, ela diz é a mesma história do boi, que ele vai precisar morrer, pra dar de alimentar a Caterina, Caterine, que é a aquela mulher lá do bumba meu boi né. Aí o boi se debruça, cai no chão, e espera ser morto. Assim mesmo, essa personagem, também tava dizendo olha, cabou, os sonhos morreram, tal, não consegui, me desculpe, é... Aí a personagem escreve no chão, com as mãos, aqui jaz um sonho.

### **De geração em geração**

Eu tenho um livro chamado Nossos Antepassados, que é de uma psicanalista, e é psicodramatista.

Anne Ancelin Schützenberger. Ela vai fazer um estudo sobre intergeracional. O que aconteceu numa geração daquela família vai repercutir noutra, sem que as pessoas saibam. Seja um trauma, seja, geralmente houve um estupro, uma violência, uma injustiça, né. E que alguém na família, é, vai responder. Sem saber, sem saber. Ele vai ter alguns sintomas. Ninguém sabe pq q eh escolhido. E foi por isso, pensando nesse macro, e pensando nesse micro, familiar, eu assim, o que que eu posso fazer, se existe essa história, que ela foi mal contada, que ela foi truncada, que que eu posso fazer? Fui pesquisar fui... Me desanimei, tanta coisa pra fazer, vou gastar meu dinheiro com... Nisso. Mas faz sentido, eu encontrei tanta coisa bonita.

Então, era assim, eu não tava preparada pra pesquisa, eu não preparei organizadamente, eu fui assim, ‘aí eu vou lá, pra Bahia ver se conheço alguém que conheceu meu pai’, ‘aí eu vo na marinha’. E eu não tava preparada pra não encontrar as coisas. E gastar dinheiro que não tinha. Cada vez que vou pra Bahia é ônibus, avião, tem hospedagem, não conheço ninguém

lá, ninguém, cada vez que vou pro farol, eu visitei 5 faróis q ele trabalhou, e também é dinheiro...

Se fosse uma pesquisa universitária seria ótimo, seria outra coisa, mas essa espontânea assim, então... E foi frustrante porque, sabe assim sem preparo, assim, olha, você tá mexendo com a história do Brasil! Muitos documentos foram queimados.

Então acho que um dos motivos também, eu queria estancar a roda. Se houve traumas na nossa família que eles parem aqui. Que alguém não pague pelo preço da escrsviao, que nao pague o preço do abandono, sem saber pq ta sendo penalizado de certa forma. Não sei se tô me fazendo entender. Porque imagine, uma pessoa que tem que procurar o nome do seu pai. Aparece o nome do pai no registro dos filhos, não no seu registro. Isso é um abandono. Como uma criança e um jovem vivencia isso? Né. E uma mãe que tem que ser escondida. Seja porque ela era negra, seja porque teve um filho fora do casamento. Então isso, por esses estudos, pode ser e pode não ser, hoje tô acreditando que possa redundar em alguns sofrimentos.

A nossa história tá no nosso corpo, tá na nossa pele, tá no nosso inconsciente e a gente não sabe muito bem como que registra, como que da nome à essas pequenas histórias que são cortadas. E acho que tá no nosso corpo, e alguns momentos elas se rebelam. Em forma de, seja de inquietação, seja em forma de sintoma, seja em forma de alegria de qualquer coisa.

A nossa história tá no nosso corpo. E é perguntar pra ele, como reescrevê-la. E é isso.